



ID: 93431062

18-06-2021

## TEATRO

# “Hamster Clown”: fugir da gaiola em modo de sobrevivência

Um monólogo sem texto e uma personagem em constante transfiguração num universo retro-futurista mapeado pelo sonho. Com a sua nova criação, Ricardo Neves-Neves e Rui Paixão regressam, no São Luiz, em Lisboa, ao teatro físico, de movimento e plasticidade, em que a interpretação fica à responsabilidade do espectador

**Ricardo Ramos Gonçalves**  
ricardo.goncalves@novojapanews.pt

**D**e Confúcio retemos a velha máxima de que uma imagem vale mais que mil palavras. Em teatro, o exercício de desapego do texto torna-se complexo, sobretudo numa época em que as imagens dominam a nossa percepção do mundo, mas é também o que garante liberdade ao espectador, que se emancipa de uma determinada linha narrativa.

É a partir destas premissas que podemos situar “Hamster Clown”, a nova peça que junta o encenador Ricardo Neves-Neves e o performer e clown Rui Paixão, que sobe ao palco do Teatro São Luiz, em Lisboa, de 23 de Junho a 4 de Julho. Trata-se, afinal, de um monólogo sem texto, que marca um regresso ao teatro físico em estado puro, em que entramos no domínio do sonho e da fantasia, num universo retro-futurista, pontuado de referências à cultura pop.

Num espaço incerto, de tempo indefinido, encontramos apenas

um jardim, onde não faltam estatuas renascentistas, mas também polvos gigantes, enxames de abelhas, corujas assustadoras e aspiradores endiabrados. Nesse lugar, um tanto ou quanto distópico, encontra-se um ser fechado num aparente labirinto, do qual tenta escapar sem sucesso. A personagem karkiana, em constante processo de transfiguração, vai assumindo diversas formas. Ora é um rato, ora uma mulher, ora um homem vestido de mulher ou então somente um ser alienígena que desceu do céu para colec-

cionar objectos da vida quotidiana no planeta Terra. A interpretação cabe ao espectador.

“Já queria trabalhar nesta lógica de fazer um espectáculo sem texto e sem o meter numa gaveta em termos de forma ou estilo. Mas não é uma zona que me seja muito confortável e não tinha coragem para avançar sozinho”, conta Ricardo Neves-Neves. Foi já em plena pandemia que encontrou uma ligação estética com o trabalho de Rui Paixão – que não conhecia pessoalmente – “de transformação da cara e do corpo e na criação destes pequenos monstrinhos”, o que lhes permitiu iniciar um processo de composição artística moldado pela partilha de referências.

E são muitas, algumas mais inusitadas que outras. Em “Hamster Clown” cabem o universo artístico de Lady Gaga, a arte pop, a K-pop, vestidos do período barroco, as donas de casa dos anos 50, mas também quadros de Hieronymus Bosch. São referências que permitiram aos dois criadores deambular num território “entre o movimento e um lado mais plástico”, afirmam. A inspiração assumida nas obras do encenador e coreógrafo Bob Wilson, mas também nas personagens criadas pela drag queen britânica Juno Birch, foram igualmente essenciais.

“Acho que o grande mote foi entendermos como é que fazemos uma escrita sem partir do texto”, explica Rui Paixão, que em

palco assume pela primeira vez a interpretação de uma personagem de traços femininos. Os elementos que juntaram de parte a parte abriam-lhes a porta a infinitas possibilidades. “Num primeiro telefonema, a primeira coisa que o Ricardo me disse foi: ‘Tenho esta imagem na cabeça que é um rato preso numa gaiola e o espectáculo começa quando ele decide escapar dessa gaiola.’”

Foi daí que partiram e o resultado final de “Hamster Clown” revela-se mais uma libertação conceptual do corpo do que propriamente a simples história de um hamster que se liberta. “É o hamster a tentar fugir da gaiola, mas é também a mulher que se tenta libertar da vida doméstica ou é também a transfiguração do corpo humano no regresso à sua animalidade”, salienta Rui.

## E se lá fora for a Sibéria?

Nas diferentes formas que assume, “Hamster Clown” materializa, acima de tudo, um “exercício da liberdade, o exercício do lado fantasioso em que todas as ideias podem ser postas em cena”, acrescenta Ricardo Neves-Neves. Já a escolha do hamster justifica-se por ser um animal que não é de trabalho nem de companhia. “É um animal para se ver. Fizemos esta ligação do espectador, que está a ver um actor, a alguém que pode ter um rato numa gaiola em casa, simplesmente a olhar para ele.”

A saída da gaiola pode ser também uma forma de ir ao encontro da felicidade – imagem importante na visão de Neves-Neves –, ainda que por vezes a liberdade desse acto possa ter diferentes consequências. “Se este hamster sai de casa e lá fora é a Sibéria, como sobrevive? E se esse hamster precisar de caçar outros mamíferos, como procura essa adaptação?” Uma vez mais, a necessidade de interpretação sustenta o efeito onírico presente nos movimentos e gestos da personagem, que se vai despindo ao longo da cena, em busca de uma nova corporalidade.

No assumir dessa postura de clown está intrínseca a perda de uma certa ingenuidade. Daí que não seja estranho para Rui que hoje vejamos figuras políticas caricaturadas em forma de palhaço. “O palhaço começa a surgir cada vez mais como elemento de reivindicação perante algo que se perdeu. Por isso costume dizer que, para mim, um palhaço é uma forma de procurar o rosto que tínhamos antes de o mundo ter nascido, antes da política, da religião ou da educação. E isso é, simultaneamente, o início e o fim deste espectáculo.”



**Rui Paixão interpreta uma personagem que é resultado de uma convergência entre diferentes referências. Sem época e sem origem conhecida, está os perante um corpo em constante mutação**

**HAMSTER CLOWN**  
São Luiz  
Teatro Municipal  
23 de Junho a 4 de Julho  
De Ricardo Neves-Neves e Rui Paixão.  
Interpretação de Rui Paixão